

## **Amarras Invisíveis das Redes Antissociais<sup>1</sup>**

Katherine KRAUSER<sup>2</sup>

Vanessa RAMOS<sup>3</sup>

Alfredo BARROS<sup>4</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Sul), Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

O presente trabalho analisa o processo de concepção e de produção da fotografia “Amarras Invisíveis das Redes Antissociais”, a qual representa uma crítica à superficialidade das relações interpessoais consequente da influência das redes sociais digitais. A principal intenção é a de instigar a reflexão das pessoas a respeito do modo como utilizam e se deixam influenciar pelas mídias sociais, além de propor a priorização do contato pessoal em detrimento daquele estabelecido *online*.

**PALAVRAS-CHAVE:** redes sociais; pós-modernidade; superficialidade das relações; fotografia artística.

### **1 INTRODUÇÃO**

Até alguns anos atrás, as únicas redes que existiam eram aquelas utilizadas para a pesca ou para o descanso. Em um plano mais abstrato, também havia as redes sociais, as quais nada mais eram do que as relações estabelecidas entre seres humanos em qualquer ambiente. O que não se imaginava era a possibilidade de existir algo como a internet que, em conjunto com outras inovações tecnológicas, revolucionariam a maneira de lidar com essas relações sociais (PINTO, 2011 e CAMARGO, 2011).

A internet energizou as redes sociais, transformando-as em amplas redes de informação rápidas e interativas. A conectividade entre as pessoas aumentou com o advento da *web*. Por conta da facilidade de uso, “as redes sociais [digitais] se transformaram em um vasto espaço onde milhões de pessoas se sentem confortáveis para serem quem realmente são” (GIARDELLI, 2011, p. 60). Contudo, o que elas menos fazem é ser quem verdadeiramente são.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da ESPM-Sul, email: katherinepsp@terra.com.br

<sup>3</sup> Estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da ESPM-Sul, email: nessacinco@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da ESPM-Sul, email: alfredo.montagem@gmail.com

Para Liesenberg (2011), as mídias sociais são utilizadas como modo de se livrar da frustração da realidade, uma vez que as pessoas criam um DNA digital nessa realidade paralela que as permite renascer da maneira como gostariam, com precisão e em pouquíssimo tempo. Dessa maneira, cada vez mais a virtualização do contato pessoal acaba deixando as relações interpessoais mais superficiais e, considerando que o ser humano é um ser social, essa consequência do mundo online não está sendo benéfica para a população.

Em uma publicação de agosto de 2014 no site Cmais, o portal de conteúdo da TV Cultura, foi divulgado que nos últimos 16 anos, as mortes por depressão cresceram 705% no Brasil. Além disso, segundo a Organização Mundial da Saúde, a principal causa mundial de invalidez e de doenças para adolescentes é, justamente, a depressão (MAES, 2014). No site do jornal Capital Teresina, há uma matéria, do ano de 2014, que trata da interação entre a depressão e a tecnologia:

[...] para alguém que está deprimido, retraído socialmente, a rede social muitas vezes pode ser vista como uma rede de suporte para interagir com outras pessoas. Por outro lado, ficar somente nas relações virtuais em prol das relações presenciais, pode não ser uma atitude saudável. Mesmo com apenas cerca de vinte anos de popularização da internet no Brasil, ainda não é sabido muito bem como esse fenômeno está influenciando na prática a relação com essa doença. Mas “sabemos que as pessoas estão dormindo com qualidade pior e estão gerenciando pior o seu tempo por conta das tecnologias e isso, conseqüentemente, poderia sim, ser um fator predisponente à depressão”, expõe o Dr. Leonardo Luz (ALVES, 2014).

Uma das manifestações artísticas que possui como objetivo explorar e tratar a respeito da condição humana, no que tange aos sentimentos tanto positivos (alegria, esperança, amor, etc.), quanto negativos (ansiedade, desespero, solidão, fobia, desilusão) é a fotografia. O fotógrafo é o responsável por converter um momento, o olhar de uma criança, uma árvore em determinado ângulo em “concepções imagéticas que transportam o espectador para novas e, por vezes, velhas dimensões” (TAVARES, 2009, p. 125).

Tendo em vista as consequências negativas das redes sociais, no sentido de tornar os relacionamentos cada vez mais superficiais e não verdadeiros; os dados a respeito da depressão e de suas causas; e a fotografia como agente de transformação de atitudes sociais, desenvolveu-se a obra em questão. “Amarras superficiais das redes antissociais” é uma clara crítica à virtualização das relações interpessoais e um apelo para que as pessoas reconheçam e mudem suas condutas.

## 2 OBJETIVO

O trabalho teve como base o intuito de instigar a reflexão sobre as consequências das redes sociais digitais nas vidas das pessoas, principalmente no que tange ao contato pessoal que umas têm com as outras. Acredita-se que a reflexão dessas, a partir de uma imagem impactante, poderia fazê-las reavaliar seus hábitos de vida e, talvez, pensar em maneiras de reparar aqueles que não estão lhe fazendo bem. Por exemplo, elas poderiam decidir retomar, mais vezes, o contato pessoal com outras pessoas, a fim de estabelecerem relações afetivas mais verdadeiras, fortes e concretas, não virtuais.

A proposta para o presente trabalho foi apresentada na disciplina de Produção de Imagem, no primeiro semestre de 2014. O ministrante, Alfredo Barros, permitiu que se escolhesse a temática a ser abordada no trabalho, que, inicialmente, consistia apenas em um trailer de um filme já existente. Depois, com o consentimento do professor, os alunos decidiram escrever o roteiro para um curtametragem, produzi-lo e gravá-lo, além de realizarem uma fotografia artística que abarcasse o tema da virtualização das relações, a qual é o tema do presente trabalho.

## 3 JUSTIFICATIVA

Liesenberg (2011) critica o caráter narcísico das mídias sociais, analisando a exposição exacerbada e a institucionalização da imagem como existência, o desejo de ver e de ser visto, além do fato de que representações passam a ser modelos de identificação. Ainda existem barreiras entre o virtual e o concreto, uma vez que o mundo *online* permite que qualquer um disfarce quem realmente é, podendo trocar nomes, características físicas e de personalidade, fato que não é possível, tão imediatamente, no “mundo real”. Por trás dessas máscaras virtuais estão escondidas inúmeras pessoas mal intencionadas. Por mais que se tente transpor a realidade para o ambiente digital, sempre haverá diferenças entre os dois tanto positivas quanto negativas. Afinal, se todas as pessoas resolvessem, de fato, “fazer *upload*” de suas vidas, abdicando do que é “real”, elas poderiam acabar ficando trancadas em um mundo simulado.

Por outro lado, é impossível negar que as mídias sociais humanizaram o ambiente tecnológico, como afirmam Giardelli e Fluture (2011). Contudo, é irônico notar que, ao mesmo tempo que existe uma pessoalização do contato virtual, há uma “despessoalização” do contato pessoal. Liesenberg (2011) pensa que as mídias sociais são utilizadas como um

modo de livrar-se das frustrações promovidas pelo “mundo concreto”. Nesse sentido, a preferência pela comunicação e pelo estabelecimento de relacionamentos *online* torna-se, completamente, compreensível, já que, a maioria das relações que mantidas *online* têm como base os laços fracos. A realidade exige que, para se manter uma relação tão próxima quanto as que são estabelecidas nas mídias sociais, deve-se manter laços fortes, os quais requerem muito mais tempo para a manutenção e muito mais dor para o rompimento. Tendo em vista que a maioria dos integrantes da pós-modernidade são imediatistas, isto é, possuem a necessidade de satisfação imediata dos seus desejos, mesmo que essa tenha curta duração; entende-se que um dos motivos de preferência pelos laços fracos é o fato de considerarem seu tempo escasso demais, não podendo ser desperdiçado com “qualquer evento” como a construção/manutenção de relacionamentos.

Para Castells (1999), a revolução tecnológica criou palácios imateriais construídos apenas com fluxos de informação e redes de comunicação. Porém, o autor demonstra ainda ter esperança de que a situação pode transformar-se quando afirma que

[...] não existe nada que não possa ser mudado por ação social consciente e intencional, munida de informação e apoiada em legitimidade. Se as pessoas forem esclarecidas, atuantes e se comunicarem em todo o mundo; se as empresas assumirem sua responsabilidade social; se os meios de comunicação se tornarem os mensageiros, e não a mensagem; se os atores políticos reagirem contra a descrença e restaurarem a fé na democracia; se a cultura for reconstruída a partir da experiência; se a humanidade sentir a solidariedade da espécie em todo o globo; se consolidarmos a solidariedade intergeracional, vivendo em harmonia com a natureza; se partirmos para a exploração de nosso ser interior, tendo feito as pazes com nós mesmos. Se tudo isso for possibilitado por nossa decisão bem informada, consciente e compartilhada enquanto ainda há tempo, então, talvez, finalmente possamos ser capazes de viver, amar e ser amados (CASTELLS, 1999, p. 437).

As emoções constituem uma parte dos componentes responsáveis por motivar as pessoas a agirem ou reagirem a determinadas situações de uma maneira específica. Sendo assim, considerou-se que, para mostrar a necessidade de mudança das atitudes das pessoas em relação à forma como lidam com os relacionamentos, um dos meios seria a produção de uma fotografia que representasse e transmitisse o sentimento de desespero diante da percepção do mal que a virtualização das relações está fazendo

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A principal técnica fotográfica utilizada no presente trabalho foi o foco seletivo, o qual possui a função de direcionar o olhar do leitor para os elementos que o fotógrafo quis

ressaltar como os mais importantes em determinada imagem. Isso porque, a visão humana, ao circular pela cena retratada em uma imagem, busca elementos preferenciais para fixar-se, a fim de entender, de modo consistente, o que está sendo visto. Esse entendimento é dado por meio do estabelecimento de relações significativas entre os elementos secundários e aqueles considerados como centrais – os quais são tidos como portadores preferenciais de significado (FLUSSER, 1985).

O uso do foco garante não apenas que a imagem fique tecnicamente nítida, mas também é um meio de composição da mensagem. Gera um discurso. [...] O foco seletivo destaca do conjunto um, ou alguns elementos que passam a merecer maior atenção. [...] é um dos meios utilizados para dar importância a um dado aspecto da imagem (LINGUAGEM, 2012).

Um artifício ressaltado por Boni (2003) é o de deslocar o elemento principal do centro da imagem, posição que seria a mais esperada pelo leitor. Ao fazer isso, o fotógrafo acaba instigando-o a examinar toda a cena ali representada e não apenas o componente central. No caso da fotografia tema desse trabalho, esse elemento é o olho da modelo, que está deslocado para a direita em relação ao centro do fotograma.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como já supracitado, as emoções conseguem motivar as pessoas a agirem ou reagirem de determinada maneira frente a uma situação específica. Existem diversas formas de emocionar, uma delas é com histórias, não é à toa que a disciplina do marketing adotou a técnica de *storytelling* para encantar os consumidores.

Uma conhecida história é o “Mito da Caverna” ou “Alegoria da Caverna”, registrado pelo filósofo Platão, a qual serviu como inspiração para a fotografia tema desse trabalho. A narrativa conta que algumas pessoas estavam aprisionadas em uma caverna, acorrentadas de frente para uma de suas paredes. Uma fogueira a iluminava enquanto sombras em constante movimento eram projetadas nela, as quais provinham de estátuas de plantas, animais e humanos que estavam sendo manipuladas. A finalidade dessas projeções era a de representar o cotidiano desses “seres vivos” representados pelas estátuas, levando os prisioneiros a pensarem que o mundo era constituído apenas por aquelas sombras.

Então, um dia, um desses prisioneiros é forçado a sair de suas correntes e vasculha o interior da caverna, encontrando as estátuas e percebendo que aquelas sombras que via, eram meras projeções desses objetos. Para piorar, ele é obrigado a sair da caverna, mesmo

ainda estando confuso por ter descoberto que tudo o que pensava ser real, era apenas uma ilusão. Em contato, pela primeira, com o sol, sua visão é ofuscada e, apenas depois de habituar-se, consegue enxergar as maravilhas do mundo que existe fora da caverna.

Pensando em seus amigos ainda acorrentados e iludidos pelas estátuas, ele decide retornar para a caverna, a fim de relatar a sua descoberta para os demais e tirá-los de lá. Contudo, a reação desses não é de gratidão ou mesmo de querer verificar se o que ele disse é verdade e sim, de negação, tanto que Platão ressalta a ameaça de morte feita ao ex-prisioneiro pelas outras pessoas que permaneceram presas, caso ele não parasse de contar o que viu no lado de fora e/ou continuasse os convidando para descobrirem esse novo mundo.

A fotografia em questão estabelece uma releitura imagética desse mito. A garota retratada é uma jovem integrante da pós-modernidade, ou seja, que interage nas redes sociais digitais, estabelecendo relações frágeis e superficiais com seus amigos virtuais, dos quais poucos são os que, de fato, convivem com ela em seu dia a dia. Até que, assim como o protagonista do mito da caverna, ela resolve sair da “caverna de sombras virtuais”, aventurando-se no “mundo real”.

As redes sociais digitais estão representadas, na imagem, pela frágil rede de proteção. O fato de ser uma rede “de proteção” também foi utilizado para representar, contraditoriamente, a falta de segurança que as mídias sociais disponibilizam, uma vez que seus usuários podem “vestir máscaras virtuais” e agir como se fossem outras pessoas. No caso da fotografia, essa “proteção” da rede é violada, no momento em que se nota o rasgo que a garota conseguiu fazer nela para escapar dali, o que, metaforicamente, remete à fuga da falta de segurança e de privacidade nas redes sociais digitais.

Para o momento eternizado na fotografia, existem vários significados possíveis, porém todos com a mesma temática. O leitor pode interpretar que a garota, ao fugir, foi descoberta e, agora, o “mundo virtual” está tentando puxá-la de volta para si, pois não quer que ela descubra a existência do “mundo concreto” do outro lado da rede. Ou então, o leitor poderia entender que a garota, ao conseguir escapar do “mundo virtual”, ficou maravilhada com o “mundo real” e está pensando em tudo que deixaria de viver, caso tivesse decidido permanecer virtualizando suas emoções e não rasgasse e atravessasse a rede.

Em relação ao seu olhar, na primeira interpretação, ele é um pedido claro de ajuda para o leitor, pois ela não quer mais permanecer presa em um mundo de ilusões. Já em um segundo entendimento, ela pode estar alertando o espectador que ele também deve sair dali

para conseguir viver sentimentos reais e não esses que a internet ajuda a fabricar. O cabelo escondendo metade do seu rosto corrobora com o entendimento de sua fuga, uma vez que ela faz isso na tentativa de não ser reconhecida e/ou “resgatada” para o “mundo virtual”.

O desfoque utilizado em quase toda a imagem possui o intuito de mostrar o quão nebuloso pode ser o mundo virtual e como ele vai tornando a existência das pessoas um simples borrão, já que elas fazem parte da cultura “do instantâneo, do refúgio no imediato, do consumo rápido, da velocidade, do descartável. Nada fica, nada permanece, nada dura” (LIBÂNIO, 2004, p. 110). Porém, como a garota se permitiu escapar desse mundo ao decidir atravessar a rede, o foco seletivo está em seu rosto, principalmente no olho que não está tapado pelo cabelo e que parece encarar o espectador em um pedido claro de socorro: para salvar a si mesma ou para salvar o leitor. Pensou-se em deixar essa interpretação ambígua, para que a mensagem conseguisse adaptar-se a qualquer contexto em que o público que a interpreta está inserido.

Em relação às escolhas cromáticas, caso a intenção fosse a de convergir com a temática da superficialidade, a decisão teria sido por tons frios que passariam uma impressão mais tétrica da situação retratada. Porém, devido ao fato de os autores sentirem-se esperançosos de que as pessoas podem começar a enxergar suas atitudes superficiais e resolver mudá-las, decidiu-se conceder um tom otimista à fotografia, por meio da utilização das cores quentes: amarelo e marrom. Além disso, foi pensado que, se o leitor se sentisse mais confortável em relação à imagem, permitir-se-ia analisá-la mais minuciosamente e, assim, poderia assimilar melhor os conteúdos por ela transmitidos.

Segundo a psicologia das cores, as emoções das pessoas podem ser afetadas pelas distintas colorações, devido aos seus significados singulares (FRASER; BANKS, 2010). Inconscientemente, o marrom possui ligação direta com a terra, a natureza, a confiabilidade e o calor, além de também poder representar o sentimento de angústia. O amarelo, por sua vez, representa a alegria, a simpatia, a força emocional e a confiança como seus aspectos positivos. Os significados negativos atribuídos à essa cor, normalmente, são constituídos pelo medo, pela irracionalidade, pela fragilidade emocional, pela depressão, pela ansiedade e, até mesmo, pelo suicídio; os quais são, em conjunto com a angústia, os sintomas verificados nos integrantes da pós-modernidade que interagem com as mídias sociais e com a tecnologia como um todo.

Na maquiagem, para intensificar a dramaticidade da fotografia enfatizando o sofrimento da modelo, optou-se por escurecer bastante as suas olheiras com um tom escuro de marrom, além da utilização de pó compacto de tom claro em todo o seu rosto para deixá-lo o mais pálido possível. A escolha por um blusão de lã marrom, feito à mão, teve o intuito de ressaltar a contradição entre o “mundo real” e o “mundo virtual”, uma vez que esse item de vestuário remete à noção de família, de laços fortes e de relacionamentos verdadeiros, conceitos que se opõem à superficialidade que as redes sociais digitais instigam. Essa contradição foi mais um artifício utilizado pelos autores para chamar a atenção do leitor.

O título “Amarras invisíveis das redes antissociais” é essencial para o entendimento de toda a metáfora construída pelos autores. “Amarras invisíveis” diz respeito ao sentimento das pessoas de que pertencem muito mais ao “mundo virtual” do que ao “mundo concreto” e/ou de que precisam do *online*, pois a *web* disponibiliza muitos facilitadores para “lidarem uns com os outros”. A segunda parte do título, “das redes antissociais”, já é uma crítica por si só, pois remete ao fato de que as redes sociais estão tornando as pessoas cada vez mais antissociais.

A câmera utilizada para capturar a imagem foi a Canon EOS 5D Mark II, com as especificações de tempo de exposição de 1/60s; escala de número f: f/1,8; distância focal de 85mm e ISO-1600. Não foi utilizado o dispositivo de flash interno, nem outro externo, a fim de aproveitar-se a iluminação artificial do local, característica que corroboraria com a temática do trabalho. Utilizou-se o software *Adobe Photoshop* para retoques pontuais da imagem e para realçar o olhar da modelo.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho renovou a vida de seus autores, por fazê-los experimentar como é incrível ficar longe do “mundo virtual”. Não somente pela sensação maravilhosa de se conversar olhando nos olhos de alguém ou de se ouvir uma risada apenas quando ela é verdadeira; mas também porque foi possível verificar a real necessidade de encontrar uma maneira de fazer as pessoas pararem de interagir apenas com os seus dispositivos eletrônicos, tornando-se mais atentas ao mundo que as rodeia. Sendo assim, a intervenção artística com a fotografia apresentada nesse trabalho justifica-se.

Os conceitos de “mundo *offline*” e de “mundo *online*” já estão tão interligados nas mentes dos indivíduos que, quando um fato ocorre em âmbito *offline* e não é divulgado

*online*, é como se nada tivesse acontecido. Por exemplo, se duas pessoas começam a namorar e não trocam seu *status* no Facebook, é como se ainda estivessem solteiras. Dessa maneira, nota-se que os acontecimentos corriqueiros estão deixando de existir por si só, uma vez que estão dependendo do âmbito *online* para que isso ocorra.

Esse fenômeno, visto a partir de um olhar mais superficial, poderia representar a queda de barreiras entre os dois meios. Contudo, ao ser analisado de forma mais subjetiva, ele demonstra que, cada vez mais, as mídias sociais e a internet estão sendo utilizadas como máscaras. Afinal, se alguém agir de forma errônea ou de maneira que a envergonharia, basta que não publique *online* o fato que será como se ele “nunca tivesse existido”. Depois que as mídias sociais passaram a existir, a vida tornou-se mais fácil e confortável, por ser muito mais manipulável. Inclusive, Liesenberg (2011, p. 141) cita que “ninguém é tão feio como no RG, tão bonito como no Orkut, tão feliz quanto no Facebook, nem tão simpático como no Twitter”, sendo possível inferir, a partir dessa, que o “mundo *online*” não é totalmente verdadeiro. A internet encurtou a distância entre as pessoas sim, ao mesmo tempo que amenizou os impactos que as situações cotidianas causavam – com as quais as pessoas aprendiam lições importantes – e distorceu o “mundo real”.

Além dos aspectos negativos, não deve-se ignorar que foram as mídias sociais que libertaram a opinião do usuário. Elas possuem força imensa e intensa, podendo mobilizar numerosos grupos de pessoas em torno de uma mesma causa. Porém, é preciso ter cuidado para não fundir totalmente a realidade com os meios digitais.

As mídias sociais não são a vida das pessoas, são apenas a representação delas e de como esses indivíduos queriam que os outros os enxergassem. Nunca será possível deixar de viver no “mundo real”, a não ser que houvesse a opção de se plugar em máquinas e viver em uma realidade simulada. Por mais narcísicos que os seres humanos possam ser, não devem se deixar engolir por suas próprias imagens, já que elas são meros reflexos de si mesmos e não a sua essência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. OMS: depressão será a doença mais comum do mundo em 2030. 2014. **Site do jornal Capital Teresina**. Disponível em: <<http://www.capitalteresina.com.br/noticias/saude/oms-depressao-sera-a-doenca-mais-comum-do-mundo-em-2030-21064.html>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

BONI, P. C. Linguagem fotográfica: objetividade e subjetividade na mensagem fotográfica. **Revista Formas&Linguagens**. Ijuí, ano 2, n. 5.

CABRAL, J. F. Mito da caverna de Platão. **Site Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/mito-caverna-platao.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

CAMARGO, C. Redes sociais x organizações. 2011. **Site E-commerce Brasil**. Disponível em: <<http://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/redes-sociais-x-organizacoes>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

CASTELLS, M. **Fim de milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRASER, T.; BANKS, A. **O Guia Completo da Cor**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

FLUSSER, V. **Filosofia da “caixa preta”**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

GIARDELLI, G.; FLUTURE, S. ...Mercado de Agências. *In*: BRAMBILLA, A. **Para Entender as Mídias Sociais**. [S.I.: s. n.], 2011.

LIBÂNIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIESENBERG, S. ...Narcisismo. *In*: BRAMBILLA, A. **Para Entender as Mídias Sociais**. [S.I.: s. n.], 2011.

LINGUAGEM Fotográfica. 2012. **Site Turma do D**. Disponível em: <[http://www.turmadod.com/alunos/downloads/7s2012\\_1/fotografia\\_digital/Fotografia\\_Digital\\_Aula-5.pdf](http://www.turmadod.com/alunos/downloads/7s2012_1/fotografia_digital/Fotografia_Digital_Aula-5.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2015.

MAES, J. Depressão e suicídio estão entre as principais causas de morte entre adolescentes. 2014. **Site Hype Science**. Disponível em: <<http://hypescience.com/depressao-e-suicidio-estao-entre-as-principais-causas-de-morte-entre-adolescentes>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

MORTES por depressão cresceram 705% no Brasil nos últimos 16 anos. 2014. **Site Cmais**. Disponível em: <<http://cmais.com.br/jornalismo/saude/mortes-por-depressao-cresceram-705-no-brasil-nos-ultimos-16-anos>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

PINHO, A. A era da síntese na escrita. *In*: GIARDELLI, Gil, *et. al.* **Redes Sociais e Inovação Digital**. São Paulo: Gaia Creative, 2011. Disponível em: <<http://issuu.com/gaiacreative/docs/inovacaodigital2>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

TAVARES, António Luís Marques. A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea. **Revista Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia**, nº 1, julho, 2009, p. 118-129. Disponível em: <[http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A\\_fotografia\\_artistica.pdf](http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2015.